



PAPA FRANCISCO

CARTA ENCÍCLICA

DILEXIT NOS

SOBRE O AMOR HUMANO E DIVINO
DO CORAÇÃO DE JESUS CRISTO



Paulinas

Direção-geral: Ágda França
Editora responsável: Maria Goretti de Oliveira

© Amministrazione del Patrimonio della Santa Sede Apostolica
© Dicastero per la Comunicazione – Libreria Editrice Vaticana, 2024
Tradução: © Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

1ª edição – 2024

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.



Cadastre-se e receba nossas informações
paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
☎ (11) 2125-3500
✉ editora@paulinas.com.br

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2024

LISTA DE SIGLAS

ASa	<i>Annum Sacrum</i>
CIgC	Catecismo da Igreja Católica
CA	<i>Centesimus Annus</i>
CCo	<i>C'est la confiance</i>
DM	<i>Dives in Misericordia</i>
DAP	Documento de Aparecida
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
HA	<i>Haurietis Aquas</i>
LS	<i>Laudato Si'</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
MRe	<i>Miserentissimus Redemptor</i>
RP	<i>Reconciliatio et Paenitentia</i>
RM	<i>Redemptoris Mater</i>
SRS	<i>Sollicitudo Rei Socialis</i>
TMA	<i>Tertio Millennio Adveniente</i>
VD	<i>Verbum Domini</i>

CARTA ENCÍCLICA
DILEXIT NOS
DO SANTO PADRE FRANCISCO
SOBRE O AMOR HUMANO
E DIVINO DO CORAÇÃO
DE JESUS CRISTO

1. “Amou-nos”, diz São Paulo referindo-se a Cristo (Rm 8,37), para nos ajudar a descobrir que nada “será capaz de nos separar” desse amor (Rm 8,39). Paulo afirmava-o com firme certeza, porque o próprio Cristo tinha garantido aos seus discípulos: “Eu vos amei” (Jo 15,9.12). Disse também: “Eu vos chamo amigos” (Jo 15,15). Seu Coração aberto nos precede e nos espera incondicionalmente, sem exigir nenhum pré-requisito para nos amar e oferecer a sua amizade: ele nos amou primeiro (cf. 1Jo 4,10). Graças a Jesus, “conhecemos, e cremos no amor que Deus tem para conosco” (1Jo 4,16).

CAPÍTULO I

A IMPORTÂNCIA DO CORAÇÃO

2. Para exprimir o amor de Jesus Cristo, recorre-se frequentemente ao símbolo do coração. Há quem se interrogue se isso atualmente tem um significado válido. É necessário, portanto, recuperar a importância do coração quando nos acomete a tentação da superficialidade, a tentação de viver apressadamente sem saber bem para quê, de nos tornarmos consumistas insaciáveis, escravos na engrenagem de um mercado que não se interessa pelo sentido da nossa existência.¹

O que entendemos quando dizemos “coração”?

3. No grego clássico vulgar, o termo *kardia* designa a parte mais íntima dos seres humanos, dos animais e das plantas. Em Homero, indica não só o centro corpóreo, mas também a alma e o centro espiritual do ser humano. Na *Ilíada*, o pensamento e o sentimento pertencem ao coração e estão muito próximos um do outro.² O coração aparece como o centro do desejo e o

¹ Boa parte das reflexões deste primeiro capítulo estão inspiradas nos escritos inéditos do Pe. Diego Fares, SI. Que o Senhor o tenha na sua Santa Glória!

² Cf. Homero, *Ilíada*, canto XXI, verso 441.

lugar onde são forjadas as decisões importantes de uma pessoa.³ Em Platão, o coração assume, de certa forma, uma função “sintetizante” do que é racional e das tendências de cada pessoa, uma vez que tanto o comando das faculdades superiores como as paixões se transmitem por meio das veias que convergem no coração.⁴ Assim, desde a antiguidade, advertimos a importância de considerar o ser humano não como uma soma de diferentes capacidades, mas como um complexo anímico-corpóreo com um centro unificador que dá a tudo o que a pessoa experimenta um substrato de sentido e orientação.

4. A Bíblia diz que “a palavra de Deus é viva, eficaz [...]. Julga os pensamentos e as intenções do coração” (Hb 4,12). Desse modo, fala-nos de um núcleo, o coração, que se esconde por trás de todas as aparências, e até mesmo de pensamentos superficiais que nos confundem. Os discípulos de Emaús, na sua misteriosa caminhada com Cristo ressuscitado, viviam um momento de angústia, confusão, desespero, desilusão. Mas, para além disso e apesar de tudo, acontecia algo no seu íntimo: “Não estava ardendo o nosso coração, quando ele nos falava pelo caminho?” (Lc 24,32).

³ Homero, *Iliada*, canto X, verso 244.

⁴ Cf. Platão, *Timeu*, § 65c-d; § 70.

5. O coração é igualmente o lugar da sinceridade, onde não se pode enganar ou dissimular. Costuma indicar as verdadeiras intenções, o que se pensa, se acredita e se quer realmente, os “segredos” que não se contam a ninguém, em suma, a verdade nua e crua de cada um. O que não é aparência ou mentira, mas autêntico, real, inteiramente “pessoal”. É por isso que Sansão, que não havia revelado a Dalila o segredo da sua força, foi interpelado por ela deste modo: “Como podes dizer que me amas, se teu coração não está comigo?” (Jz 16,15). Só quando lhe revelou o seu segredo tão escondido é que ela viu “que ele lhe havia aberto todo o seu coração” (Jz 16,18).

6. Frequentemente, essa verdade íntima de cada pessoa está escondida debaixo de muita superficialidade, o que torna difícil o autoconhecimento e ainda mais difícil conhecer o outro: “O coração é o que há de mais enganador, e não há remédio. Quem pode entendê-lo?” (Jr 17,9). Compreendemos assim o porquê da exortação que nos faz o Livro dos Provérbios: “Com todo o cuidado guarda teu coração, pois dele procede a vida. Afasta de ti a boca perversa e lábios maldizentes estejam longe de ti” (Pr 4,23-24). A mera aparência, a dissimulação e o engano danificam e pervertem o coração. Para além das muitas tentativas de mostrar ou exprimir o que não somos,

é no coração que se decide tudo: ali não conta o que mostramos exteriormente ou o que ocultamos, mas sim o que somos. E essa é a base de qualquer projeto sólido para a nossa vida, porque nada que vale a pena pode ser construído sem o coração. As aparências e as mentiras só trazem vazio.

7. Como metáfora, quero recordar algo que já contei em outra ocasião: “Recordo que no carnaval, quando éramos crianças, a avó nos preparava doces, e a que ela fazia era uma massa muito fina. Depois, colocava-a no azeite, e aquela massa crescia e, quando nós a comíamos, estava vazia’. Aqueles doces popularmente chamavam-se ‘mentirinhas’. E era precisamente a avó quem explicava a razão: aqueles doces ‘são como as mentiras, parecem grandes, mas dentro não têm nada, não há nada verdadeiro, não há substância alguma’”.⁵

8. Em vez de procurar uma satisfação superficial e de representar um papel diante dos outros, é melhor deixar que surjam perguntas decisivas: quem realmente sou? O que procuro? Que sentido quero dar à vida, às minhas escolhas e ações? Por que razão e para que fim estou neste mundo? Como vou querer avaliar a minha existência quando ela terminar? Que

⁵ Francisco, *Como os doces da avó*, 14 de outubro de 2016.

sentido quero dar a tudo o que vivo? Quem quero ser perante os outros? Quem sou diante de Deus? Tais perguntas conduzem-me ao meu coração.

Regressar ao coração

9. Neste mundo líquido, é necessário voltar a falar do coração; indicar onde cada pessoa, de qualquer classe e condição, faz a própria síntese; onde os seres concretos encontram a fonte e a raiz de todas as suas outras potências, convicções, paixões e escolhas. Movemo-nos, porém, em sociedades de consumidores em série, preocupados só com o agora e dominados pelos ritmos e ruídos da tecnologia, sem muita paciência para os processos que a interioridade exige. Na sociedade atual, o ser humano “corre o perigo de se desorientar do centro de si mesmo”.⁶ “O homem contemporâneo encontra-se com frequência transtornado, dividido, quase privado de um princípio interior que crie unidade e harmonia no seu ser e no seu agir. Modelos de comportamento, infelizmente bastante difundidos, exaltam a sua dimensão racional-tecnológica, ou, ao contrário, a instintiva”.⁷ Falta o coração.

⁶ São João Paulo II, *Angelus*, 2 de julho de 2000.

⁷ São João Paulo II, *Catequese*, 8 de junho de 1994.

10. Ora, o problema da sociedade líquida é atual, mas a desvalorização do centro íntimo do homem – do coração – vem de mais longe: encontramos-la já no racionalismo grego e pré-cristão, no idealismo pós-cristão ou no materialismo nas suas diversas formas. O coração teve pouco espaço na antropologia e é uma noção estranha ao grande pensamento filosófico. Preferiram-se outros conceitos, como a razão, a vontade ou a liberdade. O seu significado permanece impreciso e não lhe foi atribuído um lugar específico na vida humana. Talvez porque não fosse fácil colocá-lo entre as ideias “claras e distintas” ou porque o conhecimento de si mesmo supõe dificuldade: parece que a realidade mais íntima é também a mais afastada do nosso conhecimento. Talvez porque o encontro com o outro não se consolida como caminho para nos encontrarmos a nós próprios, já que o pensamento conduz, uma vez mais, a um individualismo doentio. Muitos, para construir os seus sistemas de pensamento, sentiram-se seguros no âmbito mais controlável da inteligência e da vontade. E, ao não se encontrar um lugar para o coração, como algo distinto das faculdades e das paixões humanas consideradas separadamente, também não se desenvolveu suficientemente a ideia de um centro pessoal, em que a única realidade que pode unificar tudo é, em última análise, o amor.

11. Ao não se dar o devido valor ao coração, desvaloriza-se também o que significa falar a partir do coração, agir com o coração, amadurecer e curar o coração. Quando não se consideram as especificidades do coração, perdemos as respostas que a inteligência por si só não pode dar, perdemos o encontro com os outros, perdemos a poesia. E perdemos a história e as nossas histórias, porque a verdadeira aventura pessoal é aquela que se constrói a partir do coração. No fim da vida, só isso contará.

12. É preciso afirmar que temos um coração e que o nosso coração coexiste com outros corações que o ajudam a ser um “tu”. Como não podemos desenvolver longamente esse tema, recorreremos ao personagem chamado Stavroguine, de um romance de Dostoiévski.⁸ Romano Guardini aponta-o como a própria encarnação do mal, porque a sua principal característica é não possuir coração: “Stavroguine, porém, não possui coração. O seu espírito é, portanto, frio e vazio e o seu corpo intoxica-se de indolência e sensualidade ‘animalesca’. Não pode ir até junto dos outros homens nem estes podem chegar na realidade até ele. Porque é o coração que origina a proximidade; é pelo coração que me encontro junto aos outros e os

⁸ Fiódor Dostoievski, *Os Demônios*.

outros estão igualmente junto a mim. Só o coração pode acolher, dar refúgio. A interioridade é ato e esfera do coração. Stavroguine, porém, encontra-se longe, [...] muito afastado também de si mesmo. O homem está em intimidade com o seu íntimo no coração, não no espírito. Estar em intimidade com o íntimo, no espírito, não é do domínio humano. Mas, quando o coração não vive, o homem fica apartado de si mesmo”⁹.

13. É necessário que todas as ações sejam colocadas sob o “controle político” do coração, que a agressividade e os desejos obsessivos sejam acalmados no bem maior que o coração lhes oferece e na força que ele tem contra os males; que a inteligência e a vontade sejam também postas a seu serviço, sentindo e saboreando as verdades em vez de as querer dominar, como algumas ciências tendem a fazer; que a vontade deseje o bem maior que o coração conhece, e que a imaginação e os sentimentos se deixem também moderar pelas batidas do coração.

14. Em última análise, poder-se-ia dizer que eu sou meu coração, porque é ele que me distingue, que me molda na minha identidade espiritual e que me põe em comunhão com as outras pessoas. O algoritmo

⁹ Romano Guardini, *O mundo religioso de Dostoievski*, p. 232.

que atua no mundo digital mostra que os nossos pensamentos e as decisões da nossa vontade são muito mais *standard* do que pensávamos. São facilmente previsíveis e manipuláveis. Não é o caso do coração.

15. Trata-se de uma palavra importante para a filosofia e a teologia, que procuram alcançar uma síntese integral. Na verdade, a palavra “coração” não pode ser explicada plenamente pela biologia, pela psicologia, pela antropologia, nem por qualquer outra ciência. É uma daquelas palavras originais que “significam realidades que dizem respeito ao homem no seu conjunto enquanto pessoa corpóreo-espiritual”.¹⁰ Assim, um biólogo não é mais “realista” quando fala do coração, pois dele vê apenas um aspecto, e o todo não é menos real, pelo contrário, é-o ainda mais. De maneira similar, uma linguagem abstrata não poderia ter um significado concreto e integrador ao mesmo tempo. Se o “coração” leva ao mais íntimo da nossa pessoa, permite também que nos reconheçamos na nossa integralidade e não apenas em mero aspecto isolado.

16. Por outro lado, esse poder único do coração ajuda-nos a compreender por que é que se diz que, quando apreendemos uma realidade com o coração, podemos conhecê-la melhor e mais plenamente. Isso

¹⁰ Karl Rahner, *Einige Thesen zur Theologie der Herz-Jesu-Verehrung*, p. 392.